

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampa	1\$20
Semestre, idem	500
Ano, com estampa	1\$50
Semestre, idem	75
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	40

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	200
Repetição dos mesmos	700
Anuncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias annunciam-se gratis, recebendo-se por redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

União republicana

A união republicana, que já temos ouvido preconizar, pouco valerá e de muito pouco servirá á República, se for apenas uma conjunção transitória de esforços sem outro programa que não seja o de derrubar a situação actual.

Por um entusiasmo ou por um interesse de momento é fácil juntar os homens dos vários partidos para a colaboração demolidora que a todos convem.

Mas fazer essa junção sem outros compromissos, num simples exaspero de opposição, deixando para depois regular a nova ordem de coisas a estabelecer, é um programa que a muitos republicanos não cativa, e que por isso lhes impõe uma attitude de retraimento pouco compatível com as exigências e as necessidades combativas do momento.

Deitar abaixo não basta, porque muitos republicanos querem, e com razão, saber se o que se pretende é apenas regressar á chamada República Velha, visto como os seus esforços e sacrificios só de facto se prestariam para uma outra tarefa, mais ampla e mais nobre, qual a de fazer que a República não seja o que está nem seja o que foi. A que está — uma baralha que ninguém sabe o que é; a que esteve — uma democracia, que toda a gente sabe o que foi.

Voltar ao antigo estado de coisas, repór tudo no estado anterior ao 5 de Dezembro, substituir os capitães de cavalaria que hoje mandam pelos capitães-móres que ontem mandavam, derrubar uma demagogia para restaurar a outra, atirar abaixo a República Nova para pôr em pé a República Velha, é trabalho que nos não solicita nem seduz e a que não daremos uma parcela do nosso esforço ou um minuto do nosso tempo.

E somos coerentes e lógicos, porque tendo combatido os processos governativos da República anteriores ao 5 de Dezembro, tendo clamado contra a sua obra de violência estéril e de perturbadora inovação, tendo-lhe atribuído todas as culpas na hostilidade que o País cada vez mais lhe manifestava e, consequentemente, na sua situação de instabilidade patente, não podíamos agora pugnar pela restauração desses processos, pela continuação dessa obra, pela permanencia de todos esses males de que a apontamos causadora!

Positivamente esta República Nova é uma coisa absurda, uma charada, um enigma, uma trapalhada famosa que nos dominios do

direito público se não sabe como classificar.

Quando se publicou em França a constituição do ano VIII, e se fez, pelas ruas, á maneira antiga, a sua leitura, uma mulher do povo, que a escutára atentamente, disse para uma vizinha que não percebera nada. E, como ouviu desta que não perdera uma palavra, perguntou-lhe então o que havia afinal na Constituição proclamada, ao que a outra respondeu muito simplesmente: «Ha Bonaparte.»

Este dito curto resumia um juizo seguro e justo sobre a situação. Então só havia, em França, Bonaparte; hoje entre nós há apenas Sidónio, como toda a gente já compreendeu, com as diferenças, é claro, que inutil se torna assinalar.

Ora não foi para que houvesse apenas Sidónio a governar-nos que se fez a República, e claramente, por isso, todos nós, republicanos, não compreendemos nem aceitamos este regimen híbrido que apenas o nome dum homem designa, mas cujo estatuto fundamental se desconhece e que na categoria dos sistemas políticos ninguém encontra.

Mas também para voltarmos simplesmente ao que estava não achamos que haja o direito de nos convocar para lutas e para sacrificios, visto que nós atacamos ardorosamente o que estava, e não tivemos ainda qualquer visão miraculosa que, convencendo-nos do erro, nos convertesse á admiração daquilo que combatemos.

Esta opinião é, podemos affirmá-lo, a opinião de muitos republicanos, e o nosso receio de voltar á antiga, embora no propósito de fazer uma coisa nova, é também o receio que a muitos republicanos detem e atormenta.

O que há, pois, a fazer é estabelecer um programa de governo que, nas suas linhas fundamentais, todos os partidos possam aceitar e se obriguem a cumprir, programa que seja desde já um compromisso bem público e bem garantido, em que o País possa confiar, e não apenas um expediente aliciador, mais ou menos industrial, *guet-apens* ou negaça.

Sem isso, a união republicana que se preconiza não terá aquella sinceridade que é uma garantia indispensável do seu exito.

Continuaremos a olhar-nos com desconfiança, porque há rialmente entre nós quem queira apenas voltar á antiga e há quem para voltar á antiga não dê um passo.

Que todos os republicanos pensem com amor na República e se decidam por ela e pelo País a uma obra de união que seja de facto uma obra de emenda.

Factos & Comentários

Fenómeno curioso

Não há povo no mundo mais feliz do que o nosso.

O povo português tem a alegria na alma.

Espelha-se no olhar.

Lê-se-lhe no rosto.

Manifesta-se no cantar.

Evidencia-se em toda a despreocupação da vida nas festas, arruaais, romarias e outros folguedos!

Será um bem?

Será um mal?

Portugal está em guerra.

Entrando na grande conflagração em prol da humanidade, da civilização e da justiça, sentiu já os duros revezes da luta.

Pelas notas enviadas pelo ministério da guerra deveriam ter ficado por lá, entre mortos, desaparecidos e feridos, mais de seis mil portugueses.

Verdadeira hecatombe que trouxe a dor, o luto e a saudade a milhares e milhares de corações da nossa terra.

Todavia, segunda e terça, por todas essas ruas a alegria era enorme.

Cascatas, balões, bandeiras, e outros sinais festivos do nosso povo, e grupos e grupos de rapazes e raparigas, cantando e tocando, percorreram a cidade na manifestação dum enorme e despreocupado contentamento, parecendo que Portugal vive na maior das felicidades, que não temos um único filho na guerra, que nos paramos de França se não verteu ainda uma gota de sangue português!

Será um bem?

Será um mal?

Há fome em muitos lares.

As dificuldades da vida aumentam dia a dia.

Olhamos para famílias que ninguém sabe explicar a sua existência.

Tem-se a impressão de que a fome é o único alimento de muitas casas, traduzindo-se da expressão, do falar, da cor do rosto, uma grande miséria a envolver as existências, como que a asfixiá-las.

Vive-se em Portugal por milagre.

O açúcar, que antes da guerra estava a 225, chegou agora ao preço fantástico de 3000. E apenas por culpa dos governantes.

Agóra só por culpa deles.

O pão é uma coisa negra, de mau aspecto e pior gosto, que antes da grande conflagração os cães vadios recusariam.

O azeite não obstante a colheita ter sido abundante e saber-se que há muito, também devido a meçias dos dirigentes, está já a 280 o litro.

Enfim, todos os géneros de primeira necessidade custam os olhos da cara e chega a ser incompreensível como há quem tenha que comer, não havendo já nada, absolutamente nada barato.

Mas a gente não entristece.

Pelo contrário.

Nos dias de S. João, no Palacio de Cristal, no Passos Manuel e noutros lugares de *rendez-vous*, embora já nada houvesse de novidade, a mesma massada dos demais anos, as pessoas eram aos milhares, exhibindo as meninas as suas leves e graciosas *toilettes*, não havendo, por certo, filha de novo e velho rico, negociante, amanuense, modesto empregado de escritório, etc. etc. que não fôsse mostrar o seu vestidinho de verão, dando a nossos olhos maravilhados a extravagante idéa de que vivemos num país de sonho onde tudo é rico e feliz.

Nem a guerra, nem a fome, nem a miséria tornam triste e preocupado o português.

Será um bem?

Será um mal?

Fenómeno curioso que só um alto espirito de filósofo nos poderia explicar.

Todavia, se atendermos a que a todos esses males há também a juntar a desgraça politica, que o dezembrismo veio agravar consideravelmente, lançando-os num *gachis* de que ninguém vê probabilidades de sair, mais e mais é para aberturar a nossa situação, parecendo que, pelo menos, os mais ponderados, os mais intellectuais e os mais graduados deveriam unir-se, reunir, estudar e apresentar solução para tamanha desgraça.

Pois nem isso.

Os próprios chefes dos partidos deixam correr.

Estão em descanço.

O sr. António José de Almeida, esta a tratar-se da doença que, infelizmente, o tem envelhecido.

O sr. Egas Moniz, chefe de fresca data, está em Madrid gosando as honras e proventos de diplomata moderno.

O sr. dr. Afonso Costa está também, ao que consta, em terras de França.

O sr. dr. Brito Camacho vai para o *front*, segundo éle diz, repousar das fadigas de Lisboa.

E tudo assim.

Mas o povo folga, ri, canta, toca, dança e mostra-se de indizível ventura e tão despreocupado que nos chegamos a convencer de que em Portugal há abastança, que não temos irmãos na guerra, que em França ninguém morreu e que o sr. Sidónio Pais ainda está em Berlim.

Será um bem?

Será um mal?

Os filósofos que decidam.

Quanto a nós parece-nos um mal.

Talvez a ausencia absoluta do sentimento.

A falta de humanidade.

A inconsciencia da hora presente.

O desamor ao futuro.

O desdem pelo passado.

Ou, quem sabe! se a inferiorização moral duma raça que foi heroica e a maior do mundo pela alma, pelo sentimento e pela bravura...

(1) A Montanha, diário do Porto.

QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

Milho — Temos também, felizmente, muito na Africa, e que, importado numa escala regular, não só viria fazer fatura no mercado, quem sabe se a própria superabundancia, o que seria um ideal para um artigo que é quasi a exclusiva alimentação de grande parte da população do norte, e forçando assim o lavrador a não retrair como tem feito, a venda do seu cereal.

Trigo — A importação deste artigo tem em boa verdade merecido a atenção dos governos, e só se poderá desejar que as compras sejam feitas com a antecipaçao necessaria, para se evitar na medida do possível os preços exagerados por que por vezes tem sido forçados a adquirir lo.

Uma vez convenientemente estudados estes artigos que representam os essenciaes de importação para a nossa alimentação, o que há a fazer é, por um lado — dar ordens terminantes para que os vapores da carreira de Africa carreguem de preferéncia, e em quantidades suficientes, milho, azeite e até arroz que com certa facilidade tem ido da India para Lourenço Marques, e não como até agora, tantos outros artigos, cujo embarque mais interessa á Empreza, aos africanistas e commerciantes; por outro lado — fazer um consciencioso estudo do aproveitamento dos vapores na posse do Estado, para a importação dos restantes artigos bases de alimentação, e a par, a das matérias primas indispensáveis á industria e agricultura.

Nós sabemos bem que em volta do aproveitamento da tonclagem há uma grande luta de interesses, honestos e ponderáveis em alguns casos, como sejam os das necessidades da colocação e exportação de diversos produtos nacionaes e coloniais, e até para o conseguimento do ouro de que absolutamente carecemos. Que se estude, pois, a forma de conciliar essas duas necessidades de importação e exportação, não esquecendo, porém, que acima de tudo e primeiro que tudo está a alimentação da população, pois por muito regular que fosse a situação financeira e económica em que nos pudessemos vir a encontrar, nós não poderíamos ter tranquillidade e ordem (hája em vista a Hespanha), escasseando a alimentação.

Tratemos agora dos artigos de produção nacional. Triste é dizê-lo, mas não será nestes que o governo encontrará facilidades.

A lavoura, concededora da sua força, não se sujeita a preços razoáveis, não se sujeita a tabelas nem decretos, e tem já formulada a ameaça de não cultivar. Augmentou o custo da vida para o lavrador, augmentou o preço dos salarios e adubos, mas os preços que tem atingido os diversos artigos de produção nacional, excedem tudo, absolutamente tudo que se possa estabelecer como encarecimento da vida em geral. Sua ex...

o sr. ministro das subsistências de-
terminando a criação dos celeiros
municipais, quiz reprimir essas am-
bições desmedidas; oxalá que na
prática esses celeiros correspon-
dessem ao fim para que são cria-
dos. Temos, porém, fundados re-
ceios de que, salvo honrosas ex-
cepções, assim não aconteça, por-
que precisamente quem terá de
organizar os celeiros serão os
próprios lavradores, que, na maio-
ria dos casos, são os membros das
Câmaras e Juntas de Paróquia, e
naturalmente que se não esforça-
rão, por se prejudicarem a si pró-
prios, com a agravante de que as
próprias autoridades — administra-
dores e regedores — são em muitos
casos também lavradores.

De toda a forma, só fazendo o
governo a aquisição directa ao pro-
dutor dos principais artigos, como:
cereais, azeite, batata, arroz e fei-
jão, e distribuindo-os depois ao
comércio próprio, se evitará o
abuso do lavrador, e a ganância
dos milhares de intermediários que,
sem nunca serem comerciantes,
tanto tem agravado o custo desses
géneros indispensáveis para a ali-
mentação do público. Depois sim,
poderá o governo fazer a fixação
dos preços de vendas, e ser inele-
mente para com quem pretenda
abusar, pois tem a certeza absolu-
ta do comércio receber os artigos
em condições de cumprirem rigo-
rosamente os preços determinados.

Temos falado de subsistências
do país; falaremos agora das su-
bsistências do Porto em geral e de
momento.

Sempre que o governo faça im-
portações de artigos, ou a sua
aquisição no país, é absolutamen-
te necessário distribuir ao Porto a
sua quota parte, levando em conta,
sobretudo nos artigos de importa-
ção, que o Porto é o mercado
abastecedor do norte do país, e é
tanto mais fácil fazer-se a distri-
buição equitativa, por quanto as
estatísticas indicam os consumos
dos dois mercados. Centralizar-se
em Lisboa, como se tem feito por
vezes, os fornecimentos para todo
o país, é criar uma situação de
privilégio ao comércio dessa cida-
de, em detrimento dos interesses
honestos do comércio do Porto, e
do próprio comércio das localida-
des a fornecer, e isto é absolutamen-
te injusto e inadmissível. Para
prejuízo, e enorme, do comércio
do Porto, basta que, pelas circuns-
tâncias da guerra, seja a barra de
Lisboa a demandada por todos os
vapores, e as constantes dificulda-
des e despesas para o conseguimen-
to da autorização para despacho
e transporte das mercadorias
de Lisboa para cá, dificuldades
essas tamanhas por vezes, que em
Porto de encetar transacções di-
rectas com o estrangeiro para ficar
cada vez mais dependente do com-
ércio de Lisboa.

Não poderemos deixar de des-
tacar o artigo assucar, já por ser
o que tem tido crises mais repe-
tidas, já porque de momento tem
sido um dos que mais atenções
têm merecido ás autoridades.

Antes da guerra, o assucar para
o Porto era fornecido em grande
parte pela Refinaria de Hornung
& C., em virtude dum contracto
já relativamente antigo com vários
dos principais negociantes do ar-
tigo, sendo o restante importado
directamente do estrangeiro.

(Conclue no próximo número).

AVISO

O encarregado da **Leitaria da Quinta da Costa** previne que, a partir do dia 1.º de Julho próximo, o leite desta Leitaria será vendido á razão de 120 réis o litro. Dá motivo a esta alta de preço o elevado custo das rações, agravado pela enorme estiagem.

O encarregado
Manuel Cardoso.

Correio das salas

Hospedados no Hotel Sul Ame-
ricano, encontram-se em Vizela, a
uso de banhos, os beneméritos
protectores das instituições de cari-
dade vimaranenses, sr. José Mar-
ques Coelho e sua virtuosíssima
esposa, a ex.^{ma} sr.^a D. Leopoldina
Coelho.

Tem estado doente com reuma-
tismo, o sr. dr. António José da
Silva Basto Junior, distinto advo-
gado-notário. Desejamos o resta-
belecimento de s. ex.^a.

Encontram-se no Gerez, a uso
de banhos, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Del-
fina Martins e D. Adelaide Mar-
tins (Aldão), D. Rita Vilaça Lou-
reiro, D. Laura Pereira de Castro
e Costa, e os srs. José Rodrigues
Martins da Costa, Luis Cardoso
Martins de Menezes (Margaride),
Julio António Cardoso.

Após uns dias de estada entre
nós, regressaram a Famalicão o
sr. dr. Francisco Xavier d'Albu-
querque Dias Freitas Costa e sua
ex.^{ma} esposa e filhinho.

Está entre nós a sr.^a D. Caroli-
na Teixeira Pereira, dedicada es-
posa do capitalista, no seo con-
terráneo, sr. Luis António Pereira,
proprietário do Teatro Politeama,
de Lisboa.

Esteve no Porto o nosso amigo
sr. Simão Pinheiro Ribeiro Gui-
marães.

Vindo de Melgaço, onde tem
estado com sua estremosa esposa,
chegou na quinta-feira a esta cida-
de o acreditado industrial sr. João
Paulo da Silva. O nosso amigo re-
tornou de novo para aquelas terras
no comboio das 7-40 de domingo.

Consórcio

Celebrou-se na última segunda-
feira, na igreja paroquial de Santa
Marinha da Costa, o auspicioso en-
lace da nossa gentilíssima patricia
ex.^{ma} sr.^a D. Grácia Correia de Al-
mada (Azenha) com o sr. dr. Flo-
rencio de Souza Lobo.

Foram padrinhos, por parte da
noiva, o sr. dr. António Batista
Leite de Faria e sua ex.^{ma} esposa,
a sr.^a D. Lúcia de Sequeira Braga
de Faria, e, por parte do noivo, sua
ex.^{ma} mãe e o sr. dr. Eduardo de
Almeida Júnior.

Finda a cerimónia religiosa, que
revestiu um carácter íntimo, os no-
ivos partiram para Celorico de Bas-
to, onde se demoram alguns dias,
de visita ás propriedades que o
noivo possui naquela região.

Desejamos-lhes todas as ventu-
ras, de que aliás são dignos pelas
suas nobilíssimas qualidades.

ESPECTACULOS

A companhia do Teatro Ginásio,
de Lisboa, realiza nos dias 15 a
20 de julho próximo, no nosso tea-
tro, dois espectáculos, com as in-
teressantes peças «O commissário
de policia» e «O filho da Carolina».

A assinatura está aberta na Casa
High-Life.

Leilão de penhores

Começa no próximo domingo pe-
las 9 horas, o anunciado leilão de
penhores na «Confidente», casa pres-
tamista situada na Praça de S.
Tiago n.º 31 a 33, junto á Cama-
ra Municipal.

O leilão consta de grande varie-
dade de roupas, calçado, guarda-
sois, relógios, objectos de ouro e
prata, etc. etc.

Prisioneiros de guerra

Nas montras da Chapelaria Mar-
tins, ao Passeio da Independência e
da Casa Hig-Life, á Praça D. Afon-
so Henriques, desta cidade, estão
em exposição umas listas, que a
Comissão Protectora dos Prisionei-
ros de Guerra Portugueses enviou
ao nosso colega do «Século», sr.
Virgínio Baptista, destinadas a re-
ceberem assinaturas de todas as
senhoras portuguezas que tem pa-
rentes prisioneiros na Alemanha.

A todas as senhoras, que tenham
qualquer pessoa de familia pri-
sioneira dos alemães se pede, pois,
as-suas assinaturas.

Orfeão vimaranense

Vai no próximo domingo a Fafe,
realizando na noite desse dia um
espectaculo no teatro da ridente
vila, aquêle belo grupo coral, su-
periormente dirigido pelo rev. pa-
dre Maia dos Santos.

Que colha fartos aplausos.

Aniversário

Completoou 30 primaveras no
dia 24 do corrente, a sr.^a D. Bea-
triz de Lourdes da Silva Ribeiro,
esposa do sr. Domingos José Ri-
beiro Calixto e sobrinha do nosso
presado amigo e importante in-
dustrial sr. Simão Ribeiro,
Felicitemo-la.

União republicana

Do nosso illustre colega «A República»,
de Vila do Conde, transcrevemos este
artigo cuja sensatissima doutrina abso-
lutamente perfilhamos



Rosa Maria Gonçalves de Carvalho FALECEU

Os filhos e irmãos da saudosa
extincta pedem ás pessoas
da sua amizade a fineza de as-
sistir aos responsos que, pelo
seu eterno descanso, se reali-
zam amanhã, sexta-feira, pelas
18 horas, no templo de S. Fran-
cisco, o que agradecem muito
reconhecidos.

António de Araujo Carvalho Ju-
nior
Adelaide de Araujo Carvalho
Domingos de Carvalho Prado
Maria Joaquina Gonçalves de Car-
valho
Francisco Martins.



AVA ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

«Ao Guardasol Elegante!»
164, R. Republica, 160-Guimarães



NECROLOGIA

Finou-se no Porto, com 73 anos,
a ex.^{ma} senhora D. Cacilda de Je-
sus Santa Rita Neves, esposa do
tenente-coronel sr. Francisco Neves
de Castro e sogra dos srs. José Au-
gusto Dias, importante banqueiro
naquella praça e do nosso distinto
conterráneo e abalizado clinico sr.
dr. Pedro Guimarães.

Dotavam a veneranda extinta as
mais preclaras virtudes.

Sentidas condolências á respei-
tável familia enlutada.

Na casa da Aldeia, freguezia de
Vila Nova de Sande, succumbiu o
abastado proprietário sr. António
Monteiro Borges de Araujo, que
há algum tempo se encontrava en-
fermo.

O seu cadáver foi trasladado
para jazigo de familia, em Celorico
de Basto.

A' viuva, filhos e demais paren-
tes do extinto, enviamos affectuosos
sentimentos.

Faleceu hoje, ás 10 horas, ines-
peradamente, vitimada por um ata-
que de albumina, a sr.^a D. Rosa
Maria Gonçalves de Carvalho, há
anos estabelecida, com negócio de
salchicharia, na rua do Dr. Aveli-
no Germano.

Os responsos por sua alma ce-
lebram-se amanhã, pelas 18 horas,
no templo de S. Francisco.

A' familia dorida, especialmente
ao filho e ao irmão da extinta, os
srs. António de Araujo Carvalho
Júnior, amanuense da secretaria da
Câmara Municipal, e Domingos de
Carvalho Prado, os nossos vivos
sentimentos.

Na avançada idade de 77 anos,
faleceu no passado domingo, o sr.
António Manuel Alves, antigo em-

pregado da Assembléa Vimara-
nense.

O seu funeral efectuou-se no dia
imediatto, na capela da V. O. T.
de S. Domingos.

Pezames aos seus.

Faleceu a sr. D. Maria Barbosa,
mãe extremecida do nosso amigo
sr. Manuel Barbosa, a quem diri-
gimos sentimentos.

O funeral teve logar na igreja
paroquial de S. Sebastião.

Sufragando a alma da extinta,
foi distribuida a quantia de 30\$00
pelo Asilo de Santa Estefânia, Ofi-
cina de S. José e Crèche de S.
Francisco.

Éditos de 40 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito des-
ta comarca e cartorio do
escrivão abaixo assinado, cor-
rem editos de quarenta dias
que se começarão a contar
depois da segunda e última
publicação deste anuncio, ci-
tando o coherdeiro João Joa-
quim de Sá, solteiro e maior,
empregado comercial, auzente
em parte incerta nos Esta-
dos Unidos do Brazil, para
assistir a todos os termos
até final do inventario or-
fanológico a que se está
procedendo por óbito de sua
mãe Rosa de Sá Salgado,
viuva e moradora, que foi,
no lugar da Moura, freguezia
de S. Jorge de Selho, des-
ta comarca, isto sem pre-
juizo do regular andamento
do mesmo inventario.

Guimarães, 10 de Junho de
1918.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de direito,
Santos.
O escrivão do 4.º officio
Joaquim Penafort Lisboa.

“ATLANTICA,, Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social.... Esc. 500.000\$00
» realizado. » 50.000\$00
Fundo de reserva » 150.000\$00

SÉDE: LOYOS, 99 — PORTO

Receita de 1914.... Esc. 36.988.603.5
» » 1915.... » 71.197.899.5
» » 1916.... » 537.897.894.3
» » 1916.... » 3.139.404.923

Sinistros pagos em 1914 E. 22.601.841
» » 1915 » 25.908.815
» » 1916 » 153.470.890.5
» » 1917 » 1.227.035.874

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA,
SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros
contra greves e tumultos.—Seguros agricolas.
Seguros contra quebra de cristais.—Seguros de guerra.
Seguros marítimos e postais.—Seguros contra inundações
e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Mannel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa

Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES
Passeio da Independencia, 102 a 105